



GRUPO DE SULIOTAS.

UMA tribu de homens esforçados, que ainda no principio deste seculo habitava as montanhas proximas a Joannina, na Albania (*), está hoje extincta, ou os fragmentos della [se ainda existem] vivem dispersos fóra da patria e confundidos com outros povos. Era a que se denominava dos suliotas em rasão de Suli, sua principal aldea; independentes, e ciosos da sua liberdade, como de ordinario são os povos montanhezes, em a natureza do seu territorio achavam abrigo e natural defeza, mas a sua indole guerreira os fez temiveis até ao pachá Ali, dos turcos modernos o que mais rivalisava em intelligencia e astucia politica com o egypcio Mehemet. Os suliotas eram homens de fórmas esbeltas e vigorosas, e dotados de animoso coraçào: pequenos em numero, assim mesmo occuparam algumas paginas das gazetas em tempo das suas pelejas: de mui tenra idade tomavam as armas, e quando partiam para empresas militares não se embaraçavam com barracas, os capotes lhes serviam de camas, e de cuberta o céu: tinham entre seus visinhos a mesma reputaçào que os espartanos na Grecia antiga. Seguiam o christianismo modificado segundo os preconceitos da igreja greco-russia-

(*) A Albania tem por costas maritimas o Adriatico e o Mediterraneo; seus limites internos não estão bem determinados, principalmente considerando-a como estado do emprehendedor Ali pachá.

ABRIL 2 — 1842.

na: não se regiam por leis escriptas, mas pelas tradicionaes; viviam n'uma especie de republica; e os exercicios marciaes constituíam a principal parte de sua educação. — A soberania de um poder superior sobre tal gente era em certo modo nominal, e para delles tirar soldados, ou os fracos recursos pecuniarios que podiam ministrar, mais valêra trata-los com brandura do que com violencia: Ali pachá, quando em fins do seculo passado aspirou a governar sem a tutela ottomana o Epyro e a Albania, entendeu o contrario e commetteu contra os suliotas vexações que os moveram á revolta; nem muito era preciso para incitar homens bellicosos, e nada costumados a encargos onerosos. O poder do pachá era grande comparativamente com a tribu especial que pertendia sujeitar, moveu corpos de dez mil homens, enpregou a sua estrategia, e as traições quando lhe convieram; mas por muito tempo a resistencia dos suliotas foi pertinaz, e o constrangeu a conceder-lhes paz vantajosa. — Ali, em 1800, quando teve opportuno ensejo tornou a inquieta-los; nova luta e da mesma fórma renhida: tres mil daquelles montanhezes pelejaram com vantagem contra 18:000 turcos. A final o pachá assentou de os exterminar; estreitou com rigoroso cerco os montes que occupavam, e reduziu-os a tal extre-

2.^a SERIE — VOL. I.

midade que até as raizes bravias lhes faltavam para alimento: por mais de um anno sustentou este bloqueio, evitando perdas, e privando-os de recursos: até que os suliotas, exasperados e vendo infructíferas as suas tentativas, e impossivel a continuação da sua existencia no solo natal, capitularam aos 12 de dezembro de 1803, obtendo permissão de emigrar para outras terras. Dividiram-se em dois corpos, um com destino á cidade de Parga, outro a Santa Maura, uma das ilhas Jonias: porem se a tribu era diminuta, mais reduzida estava pelos horrores da necessidade; e os soldados de Ali tiveram cuidado de fazer matança em gente fraca e desarmada, que no transito tomaram de subito.

PRIMAVERA.

Como alegre desperta e radiosa!
De encantos mil ornada se levanta
Qual do festivo leito a nova esposa.
QUITA. — *Idyl. VIII.*

Como desperta alegre e radiosa! como surge tão linda e tão coroada! como arrasta engraçadamente magestosa o roçagante manto de flores! — É rainha do prado ameno; é a mimosa do céu; é a bem vinda para os homens. Oh! bem vinda, bem vinda sejas primogenita do tempo, nova e gentil desposada — bem vinda sejas á terra que cobres de galas recentes. És sempre anciosamente esperada e sempre saudada com amor, porque tu renovas a vida, adormeces os cuidados e entornas no mundo o prazer ás mãos cheias. — Salve, minha doce primavera, salve obra perfeita do Creador! — Vai, vai ao caminhar pelos prados, sacudindo no solo o teu manto perfumado. — Salve, minha doce primavera, salve, obra perfeita do Creador.

Brotam as flores na primavera. — Na primavera da vida rebentam as rosas de amor. E que foram sem ti os campos? e sem ti que fôra o existir?

À margem do ribeiro, que murmura,
Pende a fronte erma flor;
Nasceu allí tão só e sem ventura
Que nem conhece o amor;
E não, que o prado é nú. — Ao longe e ao perto
Sócia não tem a flor,
E a triste, solitaria no deserto,
Vai murchar sem amor.
Amor! — a vida d'alma, alma da vida —
Porque o não gosa a flor?
Deu-lhe Deus o penar tão desvalida:
É só — não tem amor!

Mas vem a primavera
Que enfeita o prado ameno,
Que as selvas faz viçosas,
E o céu e o ar sereno,
Que os brandos sons desperta
Do placido arvoredado,
E accorda os echos d'alma,
E folga, rindo a medo....

A medo, sim, que ainda lá estão restos do regelado inverno, que Deus leve para bem longe, a empecer-lhe os risos. É rir de pessoa que espreita antes de entrar desassombrada, porque vós bem sabeis que a senhora primavera é pessoa cautelosa e prudente. Introduz-se com pés de laã, e quando o bom do velho inverno dá por isso já ella se tem assentado ao banquete da vida e tomado parte nas festas da natureza, com grandissima quesilia do friorento ancião, que, assim como quem não quer a cousa, se acha desterrado lá no seu antro escuro. — E a nossa florinha? — É verdade. E a florinha?

Bem cedo nascêra,
Bem triste crescêra,
Bem erma vivêra;
Mas a primavera
Seu fado mudou:
Ao pé da mesquinha,
Gentil sociasinha
Da terra brotou:
E a pobre florinha
Amores provou!

E então estaes agora descançados ácerca da sorte da triste abandonada? — Amou! É sina de todas as cousas. Sina boa ou má: o céu o sabe. É sina: e todos buscâmos cumpri-la, todos nos afadigâmos para ir colher essa flor tão rodeada de espinhos que parece ter-lhos posto Deus para desviar tentações. Peregrinação da terra, que és tu? — Uma tira rasgada dos seculos, palida e descorada, que ora te illumina instantes com os raios d'esse sol dourado, ora ficas em tenebrosa noute quando esses raios te faltam ou uma nuvem o obscurece. Uma nuvem! — e como as nuvens da existencia são frequentes! Ó minha suave solidão, ó doce melancholia de minha alma, aqui ao menos, a sós comvosco, não virão ellas perturbar-me. Não ouvirei sussurro d'homens, nem o louco tumultuar das multidões — Só — face a face com o silencio das campas,

E senhor dos altivos pensamentos
Que minha alma vão pôr aos pés do Eterno,
Senhor de meus profundos sentimentos,

Do meu phantasiar, fogoso ou terno,

Senhor do coração —

Aonde os outros vão

Não vai o meu desejo solitario:

Fujo do mundo, porque o mundo é vario.

Só o não é esta formosa natureza, tão graciosa e tão cheia de magestade. Aqui o dia succede á noite e a noite ao dia sem inconstancia e sempre com bellezas novas. As estações succedem ás estações como foi outrora, como para o futuro hade ser. A natureza! essa sim — essa tem a variedade que encanta, mas não a variedade que fatiga e mata.... E a minha doce primavera?

Vêde como alveja a encosta toda atapetada de flores cahidas. — Nos homens quando a esperança cahe, o fructo está perdido, porque a esperança é o melhor fructo da vida. — A flor é tambem esperança da arvore, mas quando essa esperança vai a terra, o fructo amadurece e vigora. — E tu vales mais que os homens, ó minha meiga primavera, e por isso te eu quero e me socorro a ti, e me embriago com os teus perfumes, com o brilho de teus prados estrellados, com o suave matiz semeado nas tuas relvas, com a terra e com a agua, com o ar e com o sol.

Ergue-se a aurora. — Da tua corôa esmalhada pendem grupos de aljofares; sorris na amenidade e placidez do campo; ergues ao céu um santo hymno de amor cantado por tudo o que tem voz na natureza.

Surge o astro do dia. — Córás o rosto formosissimo com seus vivos resplendores, brillam-te no collo liquidos diamantes; fulguras radiosa com pompas de soberana.

Chega a hora suave do crepusculo. — Amorosamente reclinada em brandas alcátifas de verdura abres o seio á suavissima aragem da tarde, repousas-te á sombra dos cedros da montanha e dos loureiros do valle, estendes-te voluptuosa nas margens dos regatos, semi-despida de tuas galas brilhantes, que vais pouco a pouco entregando ás sombras e roubando á luz.

Eis em fim descida totalmente a noute. — Aqui, ó primavera, aqui é que te eu amo ainda mais. Busquem-te outros as vividas côres, o fausto e o luxo. Buscar-te-hei a doce melancholia, o silencio, e as harmonias misteriosas ás horas solitarias na espessura da selva e no dominio das minhas visões encantadas. Salve, ó primavera, adormecida nos braços da noute, mais linda em teu repouso, e mais cheia de assombros do que no afaoso lidar do teu reinado do dia. — Salve, ó minha primavera! No claro do antigo bosque a rôxa viole-

ta, crescida á sombra eterna de arvores gigantes, agita agora folgadamente a triste frente que tivera todo o dia inclinada para a terra. Vêde como um palido raio da lua entra a custo pelo enredado labyrintho de ramas, como que descorado pelo susto a espreitar amorosamente a pobre flor rasteira. Lá penetra mais afoito atravez da ramagem, lá se adianta, lá se approxima.... ei-lo que depõe um casto beijo na triste frente da florinha...! e ella, a pudibunda virgem, como treme com aquelle primeiro contacto do raio amoroso. Não estremeças, pobre flor do bosque; o tronco orgulhoso que te abriga nem sequer olha por ti, porque tu és pequenina e elle ergue a cabeça ás nuvens; não te procuram homens, porque esses fogem do que vive obscuro e no abandono; só te visita esse palido raio; só elle te descobriu... e veio a ti porque estavas só... e amou-te porque vivias esquecida: tambem elle solitario atravessou o espaço, tambem passou ignorado, porque o astro das noutes suaves é unicamente lembrado pelo que sente correr-lhe no coração e na mente a inspiração em jactos de fogo, que a esse é necessaria a frescura para moderar o seu ardor, o silencio para favorecer o seu pensar. Não estremeças pobre flor do bosque,

Esse raio tão formoso,
Puro amante, do céu veio:
Cobre a noute os teus amores....
Abre, ó flor, abre-lhe o seio.
Doces misterios do bosque,
Segredos da solidão,
Tão longe do pensamento,
Tão perto do coração:
Quem vos hade revelar?
Quem no mundo interpreta-los?...
Paz aos amantes dest'ermo:
Ninguem ouse perturba-los.
Paz a ti, ó primavera,
Que geraste seus ardores,
Paz, ó noite socegada,
Mãe de placidos amores.

E — vejam agora — não é muito mais agradável divagar saudosamente na presença deste e d'outros semelhantes espectaculos, ouvindo o melodioso murmurar das arvores, ligeiramente balouçadas pela brisa nocturna, ou o mansissimo e somnolento correr dos preguiçosos ribeiros, ou em fim um subito gorgueio de rouxinol solitario, erguido no meio do silencio e mudez da noute, como um pensamento de consolação em alma retalhada de remorsos? Digam — não enchem muito mais a mente de ternura e sentimento as lindezas desta hora melancholica

do que todas as fúlgidas galas da luz e do dia? Pensem e julguem o que quizerem. Quanto a mim, ó primavera, é na paz da solidão e no socego de todas as cousas que te eu amo, e mais te quero e melhor te admiro:

De mil grinaldas te enfeitam
Como joven presumida,
Que fazem com tanta lida?
Quanto a mim, sincero o digo,
Sou muito mais teu amigo,
Acho bellezas maiores
Se te vejo socegada,
Mollemente reclinada
E em teus habitos menores.

Em habitos menores! — Ora! ora! — A primavera em habitos menores! A quem lembra essa? — Então que querem, meus senhores: também me havia de chegar a minha vez de originalidade. — Em habitos menores; sim. E porque não diremos que a primavera está em trajés de frásqueira, quando já a pintámos arrebecada, vestida como princeza, toucada de flores e com diamantes ao pescoço. Ora pois deixemo-la também descarregar-se um pouco d'esses adornos abrigados, e consintamos que, pelo menos á noute, quando ninguém já cura d'ella, faça, como todas, — isto é, que deponha os pesados vestidos para se assentar debaixo das ramadas a dormir momentos, para que appareça no outro dia mais viçosa e linda. — Quem me dera poder eu também assentar-me sempre contigo, fazendo ouvir unicamente os sons da minha esquecida lyra, ou vibrando no ermo as cordas santas da

minha harpa dourada. — Fôra-me então a existencia menos pesada, por quanto

Correu-me a vida outrora delirante,
Tive faceis amores, ledas glorias,
Julguei-me um dia amado e outro amante,
Sonhei promptas victorias,
E vi, em limpo céu formoso e puro,
Brilhante erguer-se o vulto do futuro.

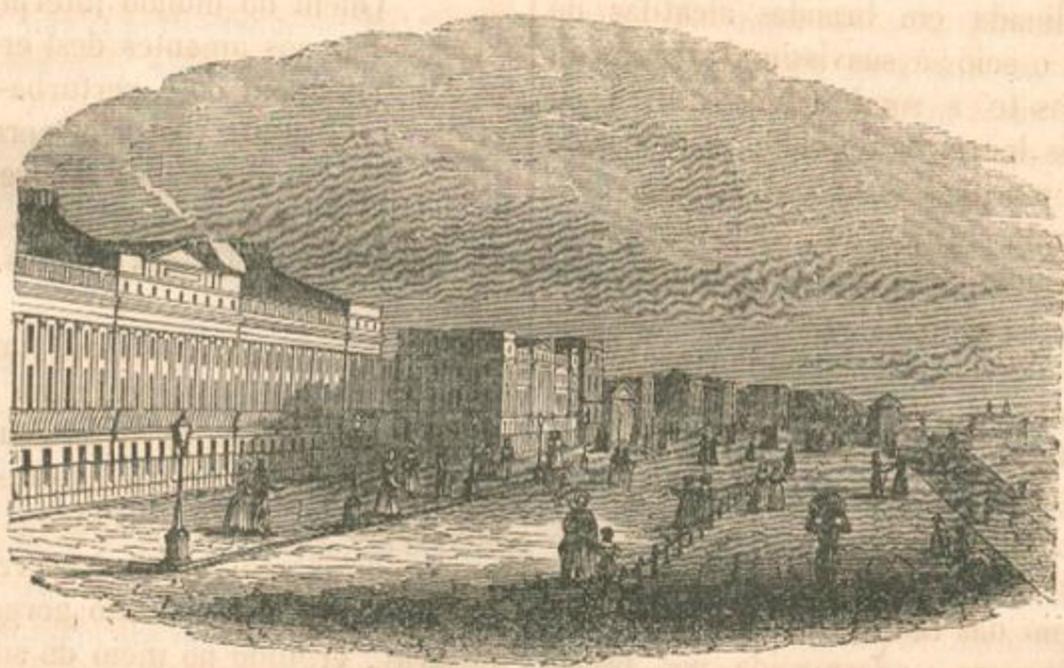
Tumulto, agitação, rumor, bulicio
Compoz o meu viver. — Mas eis que um dia
Paro e vejo o tremendo precipicio —

A vida, que vivia,
Era vida ficticia e descorada...
Um pouco de sussurro — e ao cabo... o nada!

O nada! — sorvedouro de todas as cousas, só de ti não, ó minha alma immortal. Não de ti; e pois que Deus me deu a mim esta alma para sentir, e esta lyra e esta harpa para com ellas cantar, extrair-lhes-hei as mais puras harmonias para as offerecer ao Senhor. — Emprega-las-hei celebrando a primavera, a mais formosa e a mais consoladora das suas feitu- ras — a primavera, que faz da terra um thuribulo immenso dos melhores e mais puros aromas da natureza.

Primavera, primavera, és d'entre as estações a unica do teu sexo. Pintaram-te mulher e acertaram na pintura. Tens de mulher a belleza e os encantos, tens a ternura e o amor — mas esse amor, como o do amavel sexo, é breve e passageiro. Dura dias apenas. — Hoje o desejo, amanhã o pesar. — Agora o gôso, logo a pena. — E o vacuo no pensamento. — E a saudade no coração!

Silva Leal — Junior.



TERRAPLENO DE BRUNSWICK E ESPLANADA OCCIDENTAL EM BRIGHTON.

LEMBRADOS estarão os leitores de que no vo- | ghton, por occasião de outra estampa, dissemos
lume 5.º quando brevemente tratámos de Bri- | que esta cidade, sendo de origem remota, só

creceu, e se opulentou, de poucos annos a esta parte. Com effeito um inglez escrevia em 1839 que — « neste seculo, haverá 30 annos, nenhum sitio do nosso paiz appresenta mudanças e creações tão estupendas como a sumptuosa Brighton. Toda a sua frente para o mar estende-se obra de tres milhas, correndo tanto de nascente como de poente os soberbos accrescentamentos feitos em nossos dias, que appresentam um esplendor palaciano, rival de Londres. A secção occidental [*vid. a gravura*] era, em nossa mocidade, uma parte solitaria, e como abandonada, da povoação: porem não ha muito que a moda, instavel como a arêa das praias, se apossou della, e ei-la magnifica. » — Jorge 4.º, sendo ainda principe de Galles, contribuiu muito para esta rapida florescencia, escolhendo esta cidade para sua residencia no verão, posto que já em meio do seculo passado Brighton tivesse voga, pela fama de sua costa maritima adequada para tomar banhos, ao que veio ajuntar-se o descobrimento de um manancial de aguas ferreas: antes de 1700 só contava 600 familias, pela maior parte empregadas na pescaria: junto ao palacio do referido monarcha, edificio rico mas de fábrica extravagante, e que parece ter sido o nucleo da moderna povoação, ha hoje um passeio agradável, chamado *o Steine*, o qual anteriormente a 1793 era um rocio onde os moradores reparavam e punham a secar os seus botes e rêdes: agora está cercado de bella casaria, e ao lado do norte se divisa a estatua de bronze, do rei Jorge. — Não faltam as estalagens, hospedarias, commodos precisos em terra de tanta concorrência, sobretudo na estação propria dos banhos do mar; assim como possui theatro, salas d'assemblea, e outros logares de divertimento. Todo o negocio de Brighton limita-se ao que é necessario para supprimento das precisões de uma rica povoação. — A estampa mostra uma porção daquella extensa linha, fronteira ao mar, e a que chamam = o terraplano ou terrado de Brunswick: esta parte mui agradável da cidade consta de quarenta e dois predios magnificos; entre as duas grandes divisões do alinhamento jaz a praça de Brunswick com 700 pés ingl. de norte a sul e 300 de nascente a poente, sendo aberta para a costa maritima pelo lado meridional: ao todo faz frente uma esplanada artificial de quasi milha de comprimento: é onde passeiam os que por mera diversão e ociosidade, ou por medico preceito e necessidade dos banhos, frequentam esta paragem; a viração do mar refresca este amplo terreiro, mas se pôde ser jucunda aos homens é funesta á vegetação, porque em tão largo espaço

não se dão as lamedas d'arvores, que lhe serviriam d'insigne e proveitoso ornamento.

MOSTEIRO DE BELEM.

6.º

A ABOBADA da igreja é, juntamente com a do cruzeiro, sustentada pelos seis pilares de base circular, e com pedestaes que separam as tres naves; sendo iguaes em tamanho os quatro do corpo da igreja, e muito mais fortes que elles os dois que separam o cruzeiro. — Ha mais dois meios pilares da grossura dos primeiros, que parecem firmar sobre o côro. Todos foram apreciados, e tidos por de um gosto tão novo para França, pelo architecto barão de Taylor, que veio a Lisboa mandado pelo rei dos francezes em 1836, que não se contentando com tirar delles os desenhos, os mandou modelar em gesso pelo natural, — até a altura de 50 palmos os grandes, e de 38 os pequenos. Mencionâmos este facto para que se não estranhe o insistirmos em os descrever mais miudamente do que será talvez do appetite da maior parte dos leitores, e de uso em descripções desta natureza. Começaremos pelos quatro menores, reservando para logo os outros dois.

Tem os referidos pilares á superficie exterior oito columnellas [*adoptando do latim esta palavra de que carecemos*] em meio relevo desde cima até abaixo, sendo porem em toda a altura a superficie do fuste interceptada por tres cordões ou aneis que as dividem em quatro porções ou andares. Os oito intervallos das columnellas estão profusamente lavrados com festões e brutescos que comprehendem figuras humanas, monstros, animaes, passaros, &c. Tanto nesta especie de hieroglificos, como nas columnellas e cordões, fazem taes pilares recordar as columnas egypcias. — No meio do segundo andar estão rasgados nos oito mencionados intervallos outros tantos nichos inhabitados; os dois meios pilares que parece assentarem no côro só começam com o 3.º andar, e tem cada qual seu morador de pedra. A parte destes meios pilares voltada para o côro foi mascarada com duas pilastras modernas, que ahi se uniram naturalmente a fim de sustentarem ao meio da frente do côro « um grande espaldar e docel de damasco e veludo levantado sobre um altar de madeira com um crucifixo de tamanho maior que o natural, e um pequeno painel antigo, representando de um lado a Ressurreição e do outro N. Senhora e S. Jeronymo vestido de cardeal intercedendo por el-rei D. João 3.º, sua esposa e mais familia real todos ajoelhados e com os nomes em letra dou-

rada nas cabeças.» O Sr. A. M. Couceiro, a quem devemos esta curiosa nota, foi quem teve a lembrança de tirar fóra todo este altar, que não permittia gosar tão bem da architectura, mandando a imagem para uma das capellas da igreja e guardando o importante painel n'uma das capellinhas do dormitorio.

O côro foi como dissemos concertado em boa parte depois do terremoto. Talvez que só desde esse concerto é que se lhe arranjou a balaustrada que deita para a igreja. Consta de cinco balaustres entre cada dois acroterios sem *alhetas*. Defronte dos meios pilares arqueira a sacada para fóra: é ella sustentada sobre um friso dorico com triglyfos e metopas e ornado de cabeças de victimas, descendo dahi uns troços que vão terminar em misulas nos dois pilares dos tres arcos por baixo do côro. É este sufficientemente espaçoso e guarnecido de cadeiras de espaldares de madeira de bordo, obra de valia neste genero: os mesmos espaldares servem de moldura a quatorze paineis; doze do apostolado, o de S. Jeronymo e outro de St.º Agostinho; todos de pintura moderna e pouca importancia. Alem destes estão ahi mais dois quadros, e duas imagens do Senhor por baixo. — Ha no côro actualmente tres orgãos: dois grandes encostados ás paredes lateraes, e um pequeno que hoje serve. — No grande do lado do Evangelho, que tem muitas e excellentes vozes, lê-se = *Manuel Machado Teixeira de Miranda o fez e o acabou no anno de 1781.* = O da Epistola, igual ao outro em rico lavor, parece que se não chegou a acabar, e tem este distico = *O Ex.º D. Fr. Diogo de Jesus Jardim sendo bispo de Pernambuco mandou fazer este orgão no anno de 1789.* =

O orgão pequeno era da capella real da Ajuda, e foi pelo governo cedido á Casa Pia pela extincção da Patriarchal, a fim de servir ao uso dos orfãos, e está no lugar do altar que se tirou fóra, ao pé do meio pilar da Epistola.

Os livros do côro eram primorosamente illuminados por Francisco de Hollanda, segundo é fama, e se guardavam por baixo do orgão da epistola em lugar apropriado. — Na parede do lado opposto estão ainda as duas portas que davam dahi communicacão para o cruzeiro da igreja e para o claustro. — É uma dellas baixa — da altura de uma pessoa e de verga horisontal, e a outra mais alta e curva com um ornato em cima que representa entrelaçadas as letras *J H S*, que se vêem em outros varios logares do edificio.

O tecto é como o do resto da igreja, de abobada abatida, e todo de artezões, que se estribam nos capiteis dos pilares e paredes la-

teraes. Os capiteis são guarnecidos de folhagens, e um ábaco constante apenas de um toro ou bocel donde partem correspondentemente aos intervallos entre as columnellas os quatro artezões para cada lado, que vão encontrar nas naves lateraes com outros quatro que na parede se reúnem em umas misulas ou antes troços pendentes semicylindricos, lavrados de nacellas enroscadas, em cujos socos [lisos na parede da Epistola e cobertos de folhas na do Evangelho] se vêem ainda argolões de ferro que servem de suspender os individuos que vão sacudir e limpar as paredes e tectos.

Os vãos entre os referidos troços correspondentes aos pilares estão rasgados com janellas, cujos vidros não acreditamos terem sido de côres ainda que assim no-lo querem afirmar. — As do lado da epistola ficam mencionadas na descripção do frontespicio. — As da parede do evangelho, situadas mais alto, são menores e de volta inteira, sem impostas e com lavores singelos nas hobreiras e archivoltas. Em baixo ha deste lado sete pequenas portas, contendo por cima outros tantos nichos cobertos por elevados e nobres baldaquins, cada um de sua feição; porem todos arrendados e de laçarias, sobresahindo á parede e com os remates superiores em cruz, lizes, pyramides, &c. — Estes nichos servem ás vezes para se collocarem castiças com luzes a que os mencionados baldaquins servem de chaminés! — Essas sete portas, e mais cinco que ficam debaixo do côro [tres das quaes se não vêem] dão para uns cubiculos que servem de confissionarios: não tem dentro sahidas, mas apenas umas grades ás quaes chegam os penitentes por outras doze portas que lhes correspondem para o claustro. —

Deixemos porem o corpo da igreja, e caminhemos para o cruzeiro. — O chão que se piza é todo lageado de ladrilhos de Hollanda, roxo e azul, collocados em sentido diagonal das paredes, frequentemente empregados neste edificio. — Vejamos primeiro os dois pilares polistylos que se enfileiram com os outros menores do corpo da igreja.

Cada um destes póde considerar-se como resultado de quatro menores enfeixados, deixando em cada um mais baixos os nichos singelos que nos primeiros mencionamos. Alem destes ha aqui nas quatro reintrancias da união outros tantos nichos maiores de baldaquins, mas tambem sem santos. — Em cima não tem capiteis: são coroados de uma especie de ábaco circular formado de um ovalo ornado de meias laranjas sobre dois filetes e guarnecido por um listello; ficando ornados de folhagem os saimeis donde partem não só os ar-

tezões como os tres arcos correspondentes ás tres naves. — O do meio, sobre cujo fecho se veem entre duas esferas as armas portuguezas, até onde podémos apurar com a vista, é de volta mais elevada do que a inteira, e é o arco desses que Willis denomina *Stilted arch*, ou chega ainda talvez a curvar um pouco para dentro, e constitue quasi a volta de ferradura á mourisca. — Os outros dois lateraes são de ponto subido, o que era essencial para serem mais estreitos tendo a mesma altura. Junto a estes pilares polistyllos mandaram os frades encostar dois pulpitos modernos e com escadas, naturalmente porque ficavam longe do povo os dois riquissimos em esculptura contiguos á capella-mór e da fundação primitiva. Diz-nos o Sr. Couceiro que quando administrou a Casa Pia tinha incumbido a pessoa entendida o tirar fóra esta prova e testemunho do máu gosto dos frades; o que infelizmente não chegou a realizar-se.

(Continuar-se-ha.)

PASCHOA.

ESTA palavra deriva do hebraico, e significa *passagem*, como lêmos na Santa Biblia (1): o banquete do cordeiro paschoal era uma das tres grandes festividades annuaes dos israelitas, que se celebrava em memoria da miraculosa passagem do Mar-Vermelho, e da que fizera o anjo exterminador, matando todos os primogenitos dos egypcios, e poupando as casas israelitas assignaladas com o sangue do cordeiro. Durava a solemnidade sete dias, sendo especialmente guardados o primeiro e o ultimo com a cessação de todo o trabalho e a assistencia ao culto. Cada familia, ou duas conjunctamente se eram pequenas, no decimo dia do mez Nisan, 1.º mez do anno sagrado, escolhia um cordeiro sem malhas, e o matava no dia 14.º, comendo-o assado e com pão asmo, em memoria da peregrinação de seus antepassados atravez do deserto. Não se havia partir um só osso do cordeiro paschoal; devia ser comido todo na mesma casa, e ficando sobejos eram queimados, porque era defeso reserva-los para o seguinte dia. Com o sangue do cordeiro salpicavam as portas das casas, servindo para isso um molhinho da herba hysopo, donde veio o nome ao que entre nós serve para a aspersão da agua benta.

Os christãos adoptando a palavra Paschoa, tambem a tomam na accepção de *passagem*, mas em sentido mystico allusivo da vida eterna, commemorando a passagem do Salvador, do transitorio repouso do sepulchro para a Res-

sureição gloriosa. É este um dia de triumpho para a igreja e de regozijo para seus filhos. — Em os dois primeiros seculos da era da Graça suscitaram-se, tanto entre os christãos da Asia, como entre os do Occidente, questões e difficuldades sobre o dia determinado da celebração da Paschoa; ao que procurou remediar o concilio de Nicea, em 325, fixando-o no domingo primeiro seguinte á lua cheia que cahisse de 21 de março inclusive em diante, isto é, depois do equinocio da primavera. — « Deste modo se procurou acautelár sómente o ser um domingo e em dia diverso da Paschoa dos judeus; pois, succedendo cahir o plenilunio em domingo, se determinou tambem que não nesse dia [em que a celebrariam os judeus] mas no domingo primeiro seguinte a celebraria a igreja. Não se acautelou porem o erro que nascia: 1.º — da natureza do anno solar juliano; 2.º — da sua combinação com o diverso curso da lua. Porquanto, ácerca do 1.º, attendendo-se nos bissextos a 6 horas completas de mais em cada anno solar, se errava com relação ao anno tropico ou astronomico em 11 minutos cada anno, (2) e por esta causa no anno de 1582 tinha precedido o equinocio 10 dias, (3) isto é, de 21 a 11 de março. — 2.º os novilunios se tinham antecipado 4 dias inteiros (4) antes do tempo fixo no calendario niceno pelo aureo numero, marcando nelle não já o novilunio ou 1.º da lua, mas sim o dia 5.º » — (5) A correção gregoriana, chamada assim porque foi mandada fazer pelo summo pontifice Gregorio 13.º, procurou obviar a estes erros: as rasões que a isso moveram e os meios que se adoptaram achará o leitor a pag. 250 do vol. 2.º deste jornal no 3.º art. de chronologia: á sua curiosidade recomendâmos todos os seis artigos sobre este assumpto, insertos nos vol. 2.º e 3.º

O MOSTEIRO DE S.^{ta} MARIA DE POMBEIRO DA ORDEM DE S. BENTO.

FICA situado ao pé do monte Columbino, perto do rio Vizella, para a parte do meio-dia, a uma legua de Guimarães, junto da estrada que vai desta villa para a de Amarante e para a provincia de Traz-os-Montes.

(2) Segundo a *Art. de verif. as datas*, 11^l e 12^l pouco mais ou menos, que em 113 annos e 8 mezes dá um dia de atrasamento.

(3) Conforme a supracitada *Arte* a differença já realmente era de 11 dias.

(4) No fim do circulo de 19 annos do aureo numero, as luas tornando ao mesmo dia vem mais cedo quasi hora e meia; o que em 312 annos e meio pouco mais ou menos faz um dia completo: esta a origem do erro dos quatro dias, que já se notava em 1582.

(5) Vid. a 6.^a Dissert. no vol. 2.º das *D. chron. e criticas* do mui distincto João Pedro Ribeiro.

(1) *Pascha, idest transitus*. Exod. 12.

De todas as obras antigas e fábrica deste mosteiro só permanece a igreja, que é grande e formosa. Sobre a porta principal ha um grande espelho [la rosace dos francezes], que terá em circuito de 90 até 100 palmos, para dar luz dentro, e em remate da parede tem um leão rompente. Defronte desta porta havia uma *gallilé* de tres naves mui alta e formosa, toda de abobada, em fórma de angulo recto, de laçaria de pedra, na qual estavam, por ordem, insculpidas todas as armas da nobreza antiga de Portugal; de modo que quando havia alguma duvida sobre este assumpto, a *gallilé* de Pombeiro e brazões que nella estavam serviam de juiz. — Toda esta fabrica com as injurias do tempo veio finalmente a arruinar-se [como muitos edificios se arruinam por incuria], e se perdeu esta grandeza particular de Pombeiro, e um monumento da nobreza destes reinos. No anno de 1568, quando o senhor infante D. Henrique, cardeal, mandou tirar informação dos mosteiros que havia da Ordem Benedictina neste reino, ainda se fez menção desta *gallilé*, mas já em estado que não se viam mais que ruinas, que ainda attestavam a grandeza daquella obra. Sobre a sua fundação vide a 2.^a parte da *Benedictina Lusitana*, cap. 8, pag. 49, por Fr. Leão de S. Thomaz.

A. C.

ANTIGUIDADE.

NO LOGAR de Suimo, proximo á villa de Bel-las (1), foi achada, aos 18 de julho de 1839, uma medalha de ouro, do tamanho de uma das nossas moedas de prata de cem réis, de Domiciano.

De uma parte se vê representado o busto do imperador coroado com a coroa civica, e no circulo esta legenda: *I M Perator Caesar Domitianus Augustus Germanicus Pontifex Maximus Tribunitia Potestate XII*. E da outra a figura de Minerva com um escudo no braço esquerdo, e com a mão direita vibrando uma lança, com a inscripção: *I M Perator XXII Cos. XVI Censor Perpetuus Pater Patriæ*.

Com a imagem de Minerva quiz ostentar Domiciano o valor com que accommetteu e destruiu os inimigos do imperio romano; e

(1) Foi senhora desta villa a mãe d'elrei D. Manuel, a senhora infanta D. Brites, duqueza de Beja, filha do infante D. João, e mulher do infante D. Fernando, a qual teve um criado por nome Rodrigo Affonso de Atouguia, a quem fez mercê de todas as terras abertas e por abrir, com a pensão de 40 mil réis cada anno ás freiras do convento de N.^a S.^a da Conceição da cidade de Beja, a quem deixou o padroado da igreja desta villa.

Do referido Rodrigo Affonso de Atouguia descendem os mais senhores desta villa, de que elle foi o primeiro senhor, e a dita senhora infanta D. Brites reservou sómente para seu filho elrei D. Manuel as minas do logar do Suimo, aonde se descobriram pedras preciosas das que chamam jacintos.

póde ser que esta medalha fosse feita na occasião em que, contra o mesmo imperio, se rebellaram os povos de Moscovia, Polonia, e Lithuania, que todos naquelle tempo se chamavam *Sarmatas*; como tambem os povos de Dacia, a quem Domiciano reduziu e sujeitou á antiga obediencia do mesmo imperio.

A. C.

A GRAVURA em madeira, que muitos querem fosse descoberta ou introduzida na Europa entre os annos de 1400 a 1430, predominou por mais de dois seculos, mesmo depois de generalizada a typographia, e até chegou a fazer uma parte integrante dos livros, principalmente dos de devoção: afrouxou depois pouco a pouco, sendo offuscada pela sua brilhante rival, a gravura em cobre. Em Inglaterra, a primeira obra que appareceu com estampas abertas em cobre foi a traducção do *Orlando Furioso* por Harrington, impressa em 1690: entre nós, não será muito facil fixar a data da sua introdução. Se porem em Inglaterra primeiro, em nossos dias, se renovou com passmoso aperfeiçoamento a gravura em madeira, achando logo na França notavel competencia, o buril dos curiosos portuguezes tambem logo tocou a raia da perfeição, como se tem visto por muitas estampas disseminadas no contexto deste Jornal.

EM Tusculano, pequena cidade da Lombardia, ha varias fábricas de papel. N'uma dellas manufactura-se um papel muito bello, com a singular particularidade de que escrevendo-se nelle com a tinta preta ordinaria, a escripta dentro em vinte e quatro horas se torna de escarlate brilhante, e não póde ser rasurada.

O papel é muito forte e duradouro. — *Foreign Quarterly Review*.

O fructo de toda a instrucção deve ser tanto essa benevolencia, que afaga todos os homens, como a luz, que faz discernir a verdade. —

A educação para um povo, assim como para um homem, é uma tradição hereditaria, uniforme e nunca interrompida, de habitos e sentimentos. —

 Roga-se aos Srs. Assignantes do Districto de Aveiro queiram ter a bondade de mandar entregar a importancia de suas assignaturas do corrente anno ao agente da Sociedade o Ill.^{mo} Sr. Luiz Maria dos Santos, no alto da Rua Larga n.º 3, Aveiro.